

Argumentação na língua e blocos semânticos: relações de sentido em postagem do Facebook

PALAVRAS-CHAVE:

Argumentação na Língua • Blocos Semânticos • Discurso • Facebook

Ernani Cesar de Freitas

**Viviane Demetrio
da Silva Scariot**

RESUMO: Este artigo apresenta a sistematização e aplicação de alguns conceitos da Teoria da Argumentação da Língua (TAL), no que se refere ao terceiro momento da teoria: os Blocos Semânticos. O corpus do trabalho é uma publicação chamada: “O que faz um professor?” (2018), veiculado na Internet. O objetivo geral visa descrever e analisar a construção de sentidos dos enunciados presentes numa postagem do Facebook, a partir das relações argumentativas estabelecidas. O suporte teórico apresenta as contribuições referentes à Teoria da Argumentação da Língua e a Teoria dos Blocos Semânticos (TBS), desenvolvida por Ducrot (1988, 2002) e Carel (2005). A pesquisa realiza-se de maneira descritiva e bibliográfica, com abordagem qualitativa. O estudo justifica-se pelo fato da teoria considerar o conjunto do enunciado e não sua individualidade possibilitando que o sentido seja construído no próprio discurso e não de forma extralinguística.

INTRODUÇÃO

A temática deste estudo consiste na análise de um texto do Facebook pela teoria da Semântica Argumentativa, a qual sustenta que o sentido é construído no enunciado linguístico e não pelo extralinguístico. A pesquisa delimita-se pelo fato de realizar exercício de aplicação entre teoria e prática baseada na Teoria dos Blocos Semânticos (TBS).

O estudo em foco provoca a seguinte questão norteadora: a TAL, em sua fase recente, a TBS, representa um mecanismo facilitador que possibilita compreender os sentidos construídos por locutores, os quais são produzidos por entidades linguísticas distintas que compreendem o texto como um conjunto de possíveis encadeamentos argumentativos. Nessa acepção, encontram-se os conectores *don* (DC) e *pourtant* (PT), que servem para ligar termos e significar.

A metodologia da TBS contribui para entender a língua como mecanismo independente, que se basta por si só, não necessitando de outros aspectos a não ser da sua própria materialidade, ou seja, tem seu significado construído por meio dos argumentos marcados no próprio texto, sua argumentação consta registrada no léxico selecionado para significar.

O objetivo deste trabalho visa descrever e analisar os sentidos dos enunciados presentes numa postagem veiculada no Facebook, a partir das relações argumentativas estabelecidas entre si, através da construção dos blocos semânticos. O *corpus* de estudo é uma publicação chamada: “O que faz um professor?”, datada de 15 de outubro de 2018, a qual revela o trabalho nobre e anônimo do professor. A fundamentação mobilizada envolve a Teoria da Argumentação da Língua (TAL) em sua fase mais recente com a Teoria dos Blocos Semânticos (TBS), desenvolvida por Ducrot (1988, 2002) e Carel (2005) por meio dos conceitos de blocos semânticos, argumentação interna, argumentação externa e os encadeamentos argumentativos.

A pesquisa é relevante social e academicamente, pois demonstra, através do mecanismo linguístico, como a língua utiliza-se de si mesma para significar e construir sentidos outros. Também assume importância por apresentar a situação educacional de uma das classes fundamentais para o país: professores.

CAREL, Marion; DUCROT, Oswald. **La semántica argumentativa**. In: Una introducción a la teoría de los Bloques Semánticos: Edición literaria a cargo de María Marta Negroni y Alfredo M. Lescano. Buenos Aires: Colihue, 2005. p. 11-90.

DUCROT, Oswald. **Polifonía y argumentación**. Conferencias del seminario Teoría de la Argumentación y Análisis del Discurso. Cali: Universidad del Valle, 1988.

_____. Os internalizadores. *Letras de Hoje*. Porto Alegre: EDIPUCRS, v. 37, n. 129, p. 7-26, setembro de 2002.

1. TEORIA DA ARGUMENTAÇÃO NA LÍNGUA: CONCEITOS SIGNIFICATIVOS

Os linguistas franceses Oswald Ducrot e Jean-Claude Ascombre, em 1983, fundamentaram a Teoria da Argumentação da Língua (TAL), a qual tem base nos pressupostos saussurianos e afirma que a argumentação encontra-se na própria língua e não possui dependência do contexto externo ou extralinguístico. Atualmente é difundida pelos linguistas, também franceses, Ducrot e Carel, em estudos que sustentam a argumentação como recurso do próprio linguístico.

BARBISAN, Leci Borges.

A construção da argumentação no texto. Letras de Hoje – Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS. Porto Alegre, v. 37, n. 3, p. 135-147, set. 2002.

Consoante Barbisan (2002), seu objeto de estudo é o sentido linguístico que se produz no discurso, no emprego da língua e não na própria língua. O enunciado é, assim, entendido como unidade de sentido construído nas relações internas e externas, isto é, como o mecanismo que significa no interior do seu próprio discurso, no uso de determinado léxico em detrimento de outro, ou seja, pelas escolhas e possibilidades.

Então, o enunciado, conforme Ducrot (1988), representa uma unidade de sentido constituído pela argumentação interna à língua e as argumentações encontradas no discurso são fundamentadas nas próprias palavras. Dessa forma, a TAL procura dar conta da descrição do sentido das palavras e dos enunciados de uma língua, argumentando e interpretando.

A concepção tradicional de argumentação é considerada insuficiente na visão de Ducrot (1988), pois o argumento do enunciado não está somente naquilo que ele expressa, mas também na sua forma linguística, enquanto materialidade. Na sequência, são comentadas as três fases que estruturam a TAL, são elas: forma standard, forma standard ampliada e a forma recente, Teoria dos Blocos Semânticos.

1.1. Forma *standard*: argumento e conclusão

A primeira fase da teoria, elaborada por Jean-Claude Anscombre e Oswald Ducrot, denominada de *standard*, afirma que as palavras não têm sentido antes das conclusões delas tiradas, estão na ordem da língua para serem utilizadas conforme o seu valor argumentativo. Nessa concepção, a argumentação passa a ser compreendida

como o resultado da relação entre o enunciado-argumentativo (A) e o enunciado-conclusão (C).

O valor semântico do enunciado é contado a partir daquele que pertence à frase, portanto, as palavras constituem sentido no momento da enunciação e quando são compreendidas como acontecimentos argumentativos. Assim, o valor argumentativo engloba tanto o aspecto subjetivo quanto intersubjetivo de sentido de um mesmo enunciado, como retratado no exemplo “Faz bom tempo”. Na concepção de Ducrot (1988, p. 50, tradução nossa), neste caso específico, infere-se que,

há um aspecto objetivo porque descreve o tempo que está fazendo no momento: diz que não está chovendo, não há ventos e nuvens, etc. Há também um aspecto subjetivo porque este enunciado indica, na maioria dos casos, certa satisfação do locutor pelo tempo que faz [...]. Ademais, há um aspecto intersubjetivo, porque o discurso permite ao locutor propor ao seu interlocutor uma saída, por exemplo¹

Por esse motivo, o valor argumentativo de uma única palavra é a orientação possibilitada ao discurso, apresentando ou não possibilidades de continuação desse discurso. “Em resumo, o valor argumentativo de uma palavra é o papel que ela pode desempenhar no discurso²” (DUCROT, 1988, p. 51, tradução nossa), isto significa afirmar que a palavra por si só tem a potencialidade de sentido, seu próprio valor argumentativo.

Conforme estudos relacionados à primeira fase da TAL, Ducrot (1988) apresenta a distinção dos conceitos de frase e enunciado, significação e sentido. Na concepção de Barbisan (2002, p. 140), “o enunciado é entendido como a realização da frase. Isso significa que o enunciado é uma entidade empírica, que se lê ou se ouve”. E a frase é compreendida como uma entidade teórica (abstrata), construída pela linguística para explicar a infinidade de diferentes enunciados, isto é, não se lê nem se ouve frases, mas enunciados (DUCROT, 1988). Dessa maneira, enunciado é o que faz parte da experiência, realiza-se na própria frase, é observável e acontece durante o momento enunciativo.

1. En este enunciado hay un aspecto objetivo porque describe el tiempo que está haciendo em esse momento: dice que no está lloviendo, ni hay vientos y nbes, etc. Hay por outra parte un aspecto subjetivo porque este enunciado indica em la mayoría de los casos una cierta satisfacción del locutor por el tiempo que hace [...]. Además hay un aspecto intersubjetivo porque el discurso permite al locutor proponer a su interlocutor hacer una salida, por ejemplo. (DUCROT, 1988, p. 50).

2. En resumen, el valor argumentativo de una palabra es el papel que pueda desempeñaren el discurso. (DUCROT, 1988, p. 51).

Ao abordar os dois conceitos – frase e enunciado – também é necessário elucidar as concepções referentes à significação e sentido, pois, conforme Ducrot (1988), o valor semântico de toda e qualquer palavra abrange as noções de sentido e significação. Pode-se inferir, assim, que a frase é responsável pela significação enquanto que o enunciado é pelo sentido, esse último concebido como o resultado da relação entre as palavras efetivadas.

Nesse contexto, a língua representa um conjunto de frases e Ducrot (1988) fundamenta a afirmação quando enfatiza que descrever uma língua é descrever as frases dessa língua, o que consiste no cálculo do seu valor semântico, e o discurso é formado por enunciados com dois elementos relacionados e interdependentes quanto ao sentido. A argumentação, assim, é o resultado da relação entre o segmento enunciado (A - argumentação) e enunciado (C - conclusão).

A noção de que as possibilidades argumentativas não são determinadas somente pelos fatos, mas a própria forma linguística impõe certas argumentações e não outras desencadeia na conclusão de que a argumentação está, definitivamente, marcada e amparada na língua. No entanto, a ideia de que cada expressão argumentativa pode levar a conclusões distintas passa a ser objeto de estudo na segunda fase da teoria quando a forma *standard* deu lugar à forma *standard* ampliada, que acrescenta a noção de *topos* e de *polifonia* ao estudo da argumentação.

1.2. Forma *standard* ampliada: topos e polifonia

Na segunda fase da TAL, a construção do sentido passa a existir a partir de dois elementos linguísticos: argumento e conclusão, e um não linguístico, o *topos* que assegura o caminho do argumento à conclusão. Ducrot (1988) apresenta a possibilidade de que duas frases, que possuam o mesmo operador argumentativo, possibilitam conclusões diferentes sem distinguir os fatos expressos, por meio dos enunciados, por elas.

Na obra intitulada *Polifonia y argumentación* (1988), no primeiro capítulo, Ducrot salienta que a noção de polifonia é empregada na TAL ligando-a à Teoria dos *Topoi*, na construção dos sentidos dos enunciados. Teoria esta fundamentada por Anscombe e Ducrot, que é destinada a introduzir, na própria significação das palavras, a base das argumentações à qual essas palavras podem servir. Assim, tem-se a concepção de que *topos* é um lugar comum ao enunciatador e a outras pessoas, de onde se enuncia.

Conforme estudos de Ducrot (1988), o que garante a passagem de um argumento a uma conclusão é um *topos*. Essa noção permite colocar a argumentação no próprio interior do sentido das palavras para constituir seu núcleo semântico. Diante disso, as possibilidades argumentativas não estão determinadas somente pelos fatos, mas a própria forma linguística impõe certas argumentações e não outras.

Um enunciado como “Faz sol, vamos sair” somente apresenta significação caso isso seja um indício de quem o produziu de que o tempo colabora com a saída de casa (DUCROT, 1988). Porém, esse mesmo enunciado em uma comunidade produtora na qual a temperatura é alta, na maior parte do ano, sair com sol não é uma boa alternativa e poderiam então concluir que: “Faz sol, vamos ficar em casa”. Ducrot (1988), baseado na noção de *topos*, enfatiza que a argumentação em relação aos enunciadores aponta o caráter argumentativo dos diferentes pontos de vista que se expressam em um mesmo enunciado.

Dessa forma, Ducrot (1988) associa a noção de *topos* à Teoria da Polifonia, pois o sentido é oriundo de diferentes pontos de vista num princípio argumentativo (*topos*) e numa confluência de vozes. Segundo Barbisan (2002, p. 142), “pela noção de polifonia, a argumentação é descrita por meio de enunciadores que se apresentam no enunciado”. Assim, num enunciado existe a presença de vários interlocutores com status linguísticos diferentes.

O responsável pelos pontos de vista do enunciado é o enunciador (E); Ducrot (1988, p. 66, grifo do autor) afirma que o enunciador “não é o responsável pelo enunciado e nem o produtor real dele”, mas sim que o E “é o responsável pelos pontos de vista apresentados no enunciado”. Dessa forma, o enunciador convoca atitudes discursivas diante das quais o locutor se posiciona e de onde se origina a polifonia no interior do enunciado.

“Na segunda fase da TAL, a argumentação se constrói a partir das noções de polifonia e de *topos*” (FUMAGALI; FREITAS, 2017, p. 199). Porém, com a evolução dos estudos dessa teoria, os próprios autores Ducrot e Carel (2005) constatam que a Teoria dos *Topoi* contrariava a TAL porque se valia de elementos existentes no mundo exterior, enquanto que o princípio da TAL era a argumentação dentro da própria língua. Diante disso, a noção de *topos* foi relegada dando lugar à Teoria dos Blocos Semânticos.

1.3. Blocos semânticos: argumentação na própria entidade linguística

A Teoria dos Blocos Semânticos, terceira fase da ADL, fundamenta que argumento e conclusão formam um bloco semântico, ou seja, argumentam por meio de

FUMAGALI, Rita de Cássia Dias Verdi; FREITAS, Ernani Cesar de. **Teoria da Argumentação na Língua e a construção de blocos semânticos: relações de sentido em um texto jornalístico.** Entrepalavras, Fortaleza, v. 7, p. 193-214, jan./jun. 2017.

encadeamentos argumentativos. Essa teoria consiste em descrever o sentido dos enunciados por uma série de argumentações, sendo que os encadeamentos argumentativos são entendidos como sequências de duas proposições ligadas por um conector. Na visão de Carel e Ducrot (2005), argumentar é convocar blocos semânticos onde o caráter argumentativo acontece nas duas estruturas básicas. São encadeamentos argumentativos que podem ser normativos, através do conector *donc* (portanto) que representa a regra, ou transgressivos, desobedece a regra por intermédio do conector *pourtant* (no entanto, mesmo assim)³.

FREITAS, Ernani Cesar de.
**Semântica argumentativa:
a construção do sentido no
discurso.** Novo Hamburgo: Feevale,
2007.

Na concepção de Freitas (2007, p. 143, grifo do autor),

os encadeamentos com *donc* e com *pourtant* são estritamente paralelos: ambos reúnem blocos, regras, aspectos tópicos e os apresentam da mesma maneira. Em ambos os casos, eles se servem deles para construir um discurso “razoável”, “legítimo” e é neste sentido que eles são, um e outro, argumentativos.

Esses conectores estabelecem uma interdependência semântica porque são os encadeamentos que dão sentido ao enunciado através da relação que se instaura entre as palavras. Cada um dos predicados encadeados adquire seu sentido na relação com o outro, assim, é necessário que se tenha acesso aos dois segmentos encadeados para que os aspectos argumentativos convocados por aquele discurso possam também ser acessados.

Na TBS, o segmento X é denominado de A e o segmento Y de B, tanto um quanto o outro podem ou não estar junto de uma negação, é a partir desses segmentos que ocorrem distintas relações discursivas as quais Carel e Ducrot (2005) denominam “aspectos argumentativos”, responsáveis por formar o “quadrado argumentativo”, noção essa que fundamenta os blocos semânticos.

Conforme estudos desenvolvidos por Carel e Ducrot (2005), os blocos semânticos são divididos em dois grupos: BS_1 e BS_2 , cada um dos blocos semânticos congrega quatro aspectos argumentativos, sendo que os aspectos do BS_1 :

3. Usaremos a abreviação DC para *donc* e PT para *pourtant*, conforme Carel e Ducrot (2005).

A DC B; neg-A DC neg-B; neg-A DC neg-B; neg-A PT B; A PT neg-B. Os aspectos de BS_2 se caracterizam: A DC neg-B; neg-A DC B; neg-A PT neg-B; A PT B. Na sequência, através das Figuras 1 e 2, são apresentados os quadrados argumentativos que formam BS_1 e BS_2 :

Figura 1 – Quadrado Argumentativo correspondente a BS_1

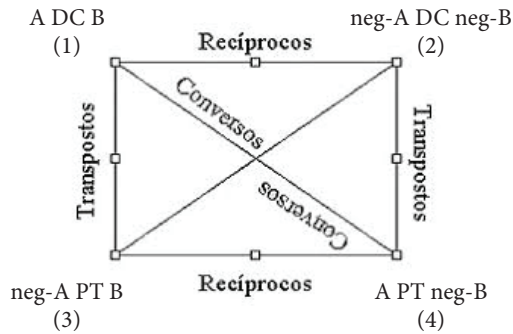
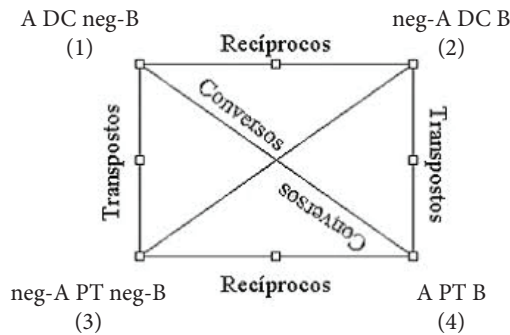


Figura 2 – Quadrado Argumentativo correspondente a BS_2



No que concerne ao BS_1 , há uma relação de reciprocidade entre os aspectos (1) e (2); o mesmo acontece com os aspectos (3) e (4). Entre os aspectos (1) e (4) se institui uma relação de conversão, que também pode ser notada entre os aspectos (2) e (3). A relação denominada transposição ocorre com os aspectos (1) e (3) e entre os aspectos (2) e (4). Essas relações também ocorrem entre os aspectos (1'), (2'), (3') e (4') do BS_2 , devido às localizações no quadrado argumentativo.

A argumentação dos encadeamentos pode ser apresentada nas formas interna e externa pelas noções de argumentação interna (AI) e argumentação externa (AE) das palavras. A argumentação externa (AE), tida como estrutural, contém a entidade linguística, como um dos segmentos, conectada a outro segmento que lhe complete o sentido. A palavra prudente, por exemplo, evoca a AE normativa “prudente DC

confiança”, mas pode também evocar o seu converso, AE transgressiva “prudente PT neg-confiança” (CAREL; DUCROT, 2005, p. 63). Assim, segundo os autores, a argumentação pode apresentar o aspecto A DC B e também o seu converso A PT neg-B.

A argumentação interna (AI) é constituída pelos encadeamentos que parafraseiam a entidade linguística, conforme (Carel e Ducrot, 2005), a argumentação não está marcada materialmente no enunciado. Segundo Fumagali e Freitas (2017, p. 202), a diferença entre a AE e AI é que “na AE tem-se DC e PT...na AI, se tem DC, não tem PT e se tem PT, não se tem DC. Assim, uma entidade não pode comportar ao mesmo tempo em sua AI um aspecto e o aspecto converso”. Assim, os blocos semânticos construídos a partir de determinados enunciados permitem a exposição da estrutura argumentativa, pois a argumentação é produzida no discurso.

Com base no percurso teórico, analisaremos um post do Facebook, recorrendo a determinados conceitos apresentados. Sabemos que esta terceira fase da teoria – TBS – continua a ser aprimorada, especialmente por Marion Carel, portanto, iremos aplicar noções básicas, importantes à análise em questão. Na sequência, apresentaremos os procedimentos metodológicos e a análise dos encadeamentos argumentativos na publicação da rede social.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E ANÁLISE DO *CORPUS*

Os procedimentos metodológicos são de caráter descritivo-qualitativo e bibliográfico e contemplam a análise do enunciado da página da rede social Facebook “O que faz um professor?”, (2018). Nossa pesquisa pauta-se no caráter argumentativo dos enunciados, pois a TAL prevê que a argumentação encontra-se na própria língua, naquilo que está marcado. A escolha do *corpus* teve como critério principal ser uma postagem de redes sociais por acreditar que a estrutura argumentativa suscitada pela publicação aplica-se ao registro linguístico analisado neste artigo.

Partiu-se, num primeiro momento, de um levantamento bibliográfico a respeito da Semântica Argumentativa, na qual se inscreve a Teoria da Argumentação da Língua, desenvolvida por Oswald Ducrot e colaboradores, com a finalidade de constatar o caminho percorrido pelos autores até atingir o terceiro e atual momento, a Teoria dos Blocos Semânticos – TBS, fase que fundamenta a análise.

Na fase seguinte, identificamos os segmentos que compõem os encadeamentos argumentativos responsáveis pela formação dos blocos semânticos, o qual gira em torno da carga semântica do substantivo “professor” e do adjetivo “pior”; na sequência, estrutura-se a Argumentação Interna (AI) das entidades lexicais dispostas nos enunciado e a Argumentação Externa (AE) para investigação das possibilidades argumentativas nos blocos semânticos.

Após, acontecerá a construção dos blocos semânticos e posterior disposição dos aspectos argumentativos nos quadrados semânticos, onde são identificadas as argumentações normativas e transgressivas evocadas pelas entidades lexicais. Os encadeamentos argumentativos presentes nos blocos semânticos serão articulados entre si, com a finalidade de ressaltar o encadeamento global que se depreende da postagem do Facebook. Diante do percurso exposto, apresentamos, na sequência, o texto que compõe o *corpus* e a análise conforme a Figura 3:

Figura 3 – “O que faz um professor?”



Adaptado do Facebook: acesso em 15.10.2018

A seguir, nossa análise é focada nas argumentações presentes nas entidades dos encadeamentos discursivos, partindo do discurso, sequência de enunciados para se chegar ao sentido pleno. Consideramos, para tanto, que o texto em análise constitui-se como pleno de sentido ao associar os aspectos da linguagem verbal e não verbal.

No enunciado da Figura 3, “Final, o que faz um professor? Na pior das hipóteses o professor faz toda a diferença”, podemos evocar, num primeiro momento, a AI de professor (substantivo) palavra plena que, segundo Ducrot (2002), possui um “conteúdo”, evoca um discurso. O vocábulo professor associado a saber fica [sabe DC faz a diferença]. Desse encadeamento argumentativo nasce a AE de professor que pode ser expressa por [professor DC faz a diferença], pois quando temos um sentido construído pelo conector num encadeamento, temos um discurso. Segundo Carel e Ducrot (2005), os encadeamentos argumentativos possuem somente uma realidade discursiva, portanto, uma significação como se pode observar neste *corpus*.

Para analisar o sentido dos enunciados, é importante explicitar os encadeamentos em DC ou em PT que permitem evocar. O quadrado argumentativo tem quatro aspectos, dois normativos e dois transgressivos, no caso analisado, ficaria assim:

- 1- [Professor DC faz a diferença]
- 2- [Não-Professor DC não faz a diferença]
- 3- [Não-Professor PT faz a diferença]
- 4- [Professor PT não faz a diferença]

Barbisan (2002, p. 143) argumenta que é a partir da AE que é possível reconhecermos os discursos nos quais são “assinaladas as causas ou as consequências da entidade linguística, conforme esta esteja à direita ou à esquerda”. Ou seja, a construção da argumentação organiza-se em função dos conectores DC e PT. Vejamos os blocos semânticos:

Quadro 1 - Bloco Semântico 1 “Professor (A), faz a diferença(B)”

(1) A portanto B	(1) Professor, portanto faz a diferença.
(2) A no entanto NEG-B	(2) Professor, no entanto não faz a diferença.
(3) NEG-A no entanto B	(3) Não-professor, no entanto faz a diferença.
(4) NEG A portanto NEG- B	(4) Não-professor, portanto não faz a diferença.

Fonte: Elaborado pela autora com base em Carel e Ducrot (2005)

Segundo Carel e Ducrot (2005, p.35), “para ver a interdependência semântica entre A e B, compara-se os enunciados do bloco semântico 1 com sua correspondência no bloco semântico 2”⁴, conforme pode ser observado no Quadro 2:

Quadro 2 - Bloco Semântico 2 “Professor (A), faz a diferença (B)”

(1') A portanto NEG-B	(1') Professor, portanto não faz a diferença.
(2') A no entanto B	(2') Professor, no entanto faz a diferença.
(3') NEG-A portanto B	(3') Não-professor, portanto faz a diferença.
(4') NEG-A no entanto NEG B	(4') Não-professor, no entanto não faz a diferença.

Fonte: Elaborado pela autora com base em Carel e Ducrot (2005)

Todos os enunciados construídos nos Blocos Semânticos 1 e 2 fazem sentido em situações enunciativas. Entretanto, é o enunciado 1 (BS 1) que argumenta na situação colocada no texto analisado, sendo, portanto, uma construção normativa da língua. Assim, temos o encadeamento global dos BS₁ e ₂ (quadros 1 e 2): “Professor DC faz a diferença”.

4. Para ver la interdependencia semántica entre A y B, compárese los enunciados del BS1 y sus correspondientes (en') del BS2. (Carel e Ducrot, 2005, p.35)

Este encadeamento permite argumentar a favor da entidade lexical pior (adjetivo) que orienta para a continuidade (AI) do enunciado “Na pior das hipóteses o professor faz toda a diferença”. De acordo com Carel e Ducrot (2005), as AIs são agrupadas em conjunto que são chamados aspectos, e possibilitam outros encadeamentos os quais contribuem à argumentação do texto, o que pode ser constatado nos quadros a seguir:

Quadro 3 - Bloco Semântico 1 “Na pior das hipóteses (A) faz a diferença (B)”

(1) A portanto B	(1) Na pior das hipóteses, portanto faz a diferença.
(2) A no entanto NEG-B	(2) Na pior das hipóteses, no entanto não faz a diferença.
(3) NEG-A no entanto B	(3) Não-na pior das hipóteses, no entanto faz a diferença.
(4) NEG-A portanto NEG- B	(4) Não-na pior das hipóteses, portanto não faz a diferença.

Fonte: Elaborado pela autora com base em Carel e Ducrot (2005)

Carel e Ducrot (2005) enfatizam que é necessário agrupar os oito encadeamentos entre A e B em dois blocos, pois os encadeamentos possíveis em (1), (2), (3) e (4) estão relacionados, por exemplo, através das palavras professor e pior de uma forma semelhante no Bloco 1 (Quadro 3); “esse bloco receberá o nome de quadrado argumentativo, noção destinada a formalizar a noção de bloco semântico”⁵ (CAREL; DUCROT, 2005, p. 39). Os outros quatro aspectos pertencem ao Bloco Semântico 2, que é diferente do Bloco 1.

O termo “na pior das hipóteses” suscita uma série de argumentações, pois remete ao entendimento de que não tendo algo de melhor para o momento esta é a solução; quando tudo estiver equivocado ainda assim existe uma visão promissora. Assim, as relações de sentido entre A e B se constroem de forma distinta em cada um dos blocos, conforme fica exemplificado no Quadro 4:

Quadro 4 - Bloco Semântico 2 “Na pior das hipóteses (A) faz a diferença (B)”

(1')A portanto NEG-B	(1')Na pior das hipóteses, portanto não faz a diferença.
(2')A no entanto B	(2')Na pior das hipóteses, no entanto faz a diferença.
(3')NEG-A portanto B	(3')Não-na pior das hipóteses, portanto faz a diferença.
(4')NEG-A no entanto NEG B	(4')Não-na pior das hipóteses, no entanto não faz a diferença.

Fonte: Elaborado pela autora com base em Carel e Ducrot (2005)

Encadeamento global dos BS1 e 2 (quadros 3 e 4) : “Na pior das hipóteses, PT faz a diferença”.

5. Este bloque recibirá el nombre de cuadrado argumentativo, noción destinada a formalizar la de bloque semântico (Carel e Ducrot, 2005, p. 39).

Os blocos semânticos 1 e 2 do segundo enunciado (quadros 3 e 4) também constituem enunciados previsíveis na ordem de sentido da língua. Entretanto, em relação ao enunciado anterior “Professor, portanto faz a diferença” (encadeamento 1 do quadro 1), o encadeamento transgressivo 2 (quadro 4) permite uma leitura mais coerente e a construção da argumentação: **Na pior das hipóteses, no entanto (PT), o professor faz a diferença.**

Dessa maneira, o sentido do texto é construído, relacionando dois enunciados, um normativo e outro transgressivo. Mesmo sabendo o contexto de publicação, fica claro que a argumentação está nela presente através de seu enunciado, complementada pela linguagem não verbal que exibe duas crianças, os interlocutores do texto, conversando sobre o papel do professor.

A elaboração dos blocos semânticos permite que o leitor perceba como o texto “O que faz um professor?” argumenta e constrói sentidos considerando também o aspecto não verbal. O *corpus* de análise constitui-se como um todo, isto é, um texto global, pois o termo “afinal, o que faz um professor” também significa e produz sentido com o enunciado, uma vez que conclama uma série de possibilidades de significação (o professor faz alguma coisa; o professor deve fazer alguma coisa; por que um professor não faria alguma coisa?). Questionamentos que são respondidos pelos próprios interlocutores no decorrer do texto com a informação “na pior das hipóteses faz toda a diferença”. Dessa forma, a língua possibilita a argumentação de que o sentido encontra-se em si mesma e nas suas relações associativas e de combinação.

Além dos quadrados argumentativos, a TBS também esclarece as noções de Argumentação Interna (AI) e Argumentação Externa (AE), uma vez que o vínculo entre os enunciados ou entre palavras pode ser interno ou externo. Por exemplo, assumindo, a partir do enunciado “Afinal, o que faz um professor?” (A) que “Na pior das hipóteses, o professor faz toda a diferença” (A1), estamos realizando uma Argumentação Interna, possível pelo enunciado A em relação à linguagem não verbal da charge: Na pior das hipóteses, no entanto (PT), o professor faz toda a diferença.

Ao entendermos que, por exemplo: “O professor faz toda a diferença”, portanto (DC) ensina, transforma vidas, é o mediador das futuras gerações, pelas suas mãos passam os futuros profissionais, (A3) estaremos realizando uma Argumentação Externa. Segundo Carel e Ducrot (2005), a Argumentação Externa é constituída pelos encadeamentos que chegam à entidade ou que partem dela, assim, os termos *professor* e *toda diferença* permitem que o encadeamento em (AE) com a ideia de ensinar aconteça.

A espessura imagética de “dois meninos falando sobre professores debaixo de uma árvore” também é rica e semanticamente produtiva, pois significa que os professores estão presentes em suas vidas, não somente na sala de aula, mas em outros lugares onde é possível realizar reflexão e diálogo. O fato de estarem embaixo de uma árvore representa a sombra, o conforto, o aconchego junto à natureza e a importância da preservação desse ambiente.

A memória argumentativa desses personagens, em tiras do Snoop, interfere no discurso da significação dos professores, pois estes profissionais são os que plantam as sementes à germinação do futuro, o que pode ser comprovado pela presença da árvore e das crianças no enunciado. Mesmo com a visão mais pessimista de que a educação encontra-se no caos total ainda existe a certeza de que ela pode sim “fazer a diferença”, por meio dos professores. Os meninos da tira estão reproduzindo um enunciado conhecido por eles, pois representa a importância e imagem dos professores na sociedade contemporânea: transformadores do presente e projetores do futuro.

Conforme apresentado na teoria, os enunciados e as palavras possuem determinado valor argumentativo, uma orientação ao discurso. Carel e Ducrot (2005) apresentam que os princípios da Teoria dos Blocos Semânticos são um mecanismo que facilitam e elucidam o sentido global do discurso. As palavras “professor” e “pior”, no enunciado analisado, possuem uma orientação que também argumenta: o professor tem a atribuição de ensinar, portanto, na pior das hipóteses, vai fazer a diferença para seus alunos na escola e na vida.

Barbisan (2002, p. 146) afirma que “a construção dos blocos exige que o analista interprete os enunciados colocando-se do ponto de vista do autor do texto, não permitindo que interfira sua própria posição”. Percebemos, assim, que o sentido global de um enunciado decorre da interdependência semântica e da relação entre os segmentos que fazem parte do encadeamento argumentativo. Também, que os blocos semânticos são constituídos de dois aspectos: *donc* (DC) e *pourtant* (PT), porém o locutor assume apenas um desses.

No *corpus* analisado, o ponto de vista assumido na publicação “O que faz um professor?”, (2018), é normativo em (DC), fato que justifica o professor, na pior das hipóteses, fazer a diferença. Acreditamos que a TBS, de Carel e Ducrot, é uma teoria importante à compreensão leitora que poderia ser empregada em diferentes níveis do ensino para qualificar a leitura dos estudantes. A seguir, as considerações finais, porém parciais, uma vez que o estudo considerou alguns aspectos de análise e não sua totalidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A temática em torno da qual desenvolvemos nosso estudo envolve a sistematização e aplicação de alguns conceitos da Teoria da Argumentação da Língua (TAL), mais especificamente no que se refere ao terceiro momento da teoria: os Blocos Semânticos numa postagem das redes sociais. Nesse viés, buscamos como delimitação teórica a Teoria da Argumentação da Língua e a Teoria dos Blocos semânticos (TBS), desenvolvida por Oswald Ducrot e colaboradores (1988, 2002, 2005).

O *corpus* de estudo foi uma publicação chamada: “O que faz um professor?”, datada de 15 de outubro de 2018, a qual revela como o trabalho do professor é percebido na atualidade. Ao iniciar o estudo, partimos da premissa de que a TBS pode ser aplicada como um modo que ajuda na compreensão dos vários sentidos produzidos pelas diversas entidades linguísticas que levam a pensar o texto como um conjunto de encadeamentos argumentativos.

O estudo em foco provocou a seguinte questão norteadora: a TAL, em sua última fase, a TBS, representa um mecanismo facilitador que possibilita a construção de sentidos, os quais são produzidos por entidades linguísticas distintas que compreendem o texto como um conjunto de possíveis encadeamentos argumentativos. Nessa acepção, encontram-se os conectores *don* (DC) e *pourtant* (PT), que servem para ligar termos e significar.

Uma vez confirmada esta questão, o objetivo do trabalho, descrever e analisar os sentidos dos enunciados presentes numa postagem veiculada no Facebook, a partir das relações argumentativas estabelecidas entre si, através da construção dos blocos semânticos, foi alcançado e convergiu à construção de sentidos dos enunciados presentes na postagem do Facebook, a partir das relações argumentativas que se estabeleceram entre si. Os sentidos construídos na publicação foram esquematizados pela organização dos blocos semânticos.

Verificamos, durante a análise, que os estudos de Ducrot e de Carel apontam caminhos para uma melhor compreensão de publicações nas redes sociais, uma vez que o sentido é construído no seu próprio interior e não de forma extralinguística. A TBS facilita a compreensão do sentido como elemento que existe em função do discurso. O *corpus* de análise, através da exposição teórica, possibilitou uma visão ampla da TAL e de sua importância à leitura e interpretação de enunciados.

Por fim, este estudo foi enquadrado como uma modesta contribuição aos estudos desenvolvidos na Teoria da Argumentação da Língua, sendo que há necessidade de aprimorá-lo, ampliando ainda mais os estudos sobre publicações em redes sociais em busca dos sentidos inscritos na língua. Pois os teóricos aqui abordados voltam-se aos estudos estruturalistas afirmando que a argumentação encontra-se na língua. E assim continuamos nossos estudos e pesquisas.

Ernani Cesar de Freitas (ecesar@upf.br)

Pós-doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem - PUC-SP/LAEL (2011), possui experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa e Linguística Aplicada, nos temas relacionados à linguagem e trabalho, texto e discurso, leitura e formação do leitor; na área da Comunicação e cultura: comunicação socio-organizacional, cultura e identidade. Professor (Titular) de Ensino Superior na Universidade Feevale, Programa de Pós-graduação em Processos e Manifestações Culturais, e professor permanente no PPG em Letras na Universidade de Passo Fundo (RS).

Viviane Demetrio da Silva Scariot (vividdds@yahoo.com.br)

Doutoranda em Letras (UPF), possui Mestrado em Letras pela Universidade de Passo Fundo (2013).

Como citar esse artigo

FREITAS, Ernani Cesar de; SILVA, Viviane D. da. Argumentação na língua e blocos semânticos: relações de sentido em postagem do Facebook. **Revista Gatilho**, UFJF, v. 18, p. 15-31. out. 2020.

Argumenting on language and semantic blocks: facebook possession relationships

ABSTRACT: This article presents the systematization and application of some concepts of the Theory of Language Argumentation (TAL), regarding the third moment of the theory: the Semantic Blocks. The corpus of the work is a publication called: "What does a teacher do?" (2018), posted on the Internet. The general objective is to describe and analyze the construction of meanings of the statements present in a Facebook post, based on the established argumentative relations. The theoretical support presents the contributions concerning the Theory of Language Argumentation and the Theory of Semantic Blocks (TBS), developed by Ducrot (1988, 2002) and Carel (2005). The research is carried out in a descriptive and bibliographical way, with a qualitative approach. The study is justified by the fact that the theory considers the whole of the statement and not its individuality, allowing the meaning to be constructed in the discourse itself and not in an extralinguistic way.

KEYWORDS: Argumentation in Language. Semantic Blocks. Speech. Facebook.

REFERÊNCIAS:

BARBISAN, Leci Borges. A construção da argumentação no texto. **Letras de Hoje** – Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS. Porto Alegre, v. 37, n. 3, p. 135-147, set. 2002.

CAREL, Marion; DUCROT, Oswald. **La semántica argumentativa**. In: _____. Una introducción a la teoría de los Bloques Semánticos: Edición literaria a cargo de María Marta Negroni y Alfredo M. Lescano. Buenos Aires: Colihue, 2005. p. 11-90.

DUCROT, Oswald. **Polifonía y argumentación**. Conferencias del seminario Teoría de la Argumentación y Análisis del Discurso. Cali: Universidad del Valle, 1988.

_____. Os internalizadores. **Letras de Hoje**. Porto Alegre: EDIPUCRS, v. 37, n. 129, p. 7-26, setembro de 2002.

FREITAS, Ernani Cesar de. **Semântica argumentativa: a construção do sentido no discurso**. Novo Hamburgo: Feevale, 2007.

FUMAGALI, Rita de Cássia Dias Verdi; FREITAS, Ernani Cesar de. Teoria da Argumentação na Língua e a construção de blocos semânticos: relações de sentido em um texto jornalístico. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 7, p. 193-214, jan./jun. 2017.